



# LUTA e MEMÓRIA

# Frente Única Antifascista

## Manifesto de fundação (2 de julho de 1933)

Ricardo Figueiredo de Castro\*

No dia 25 de junho de 1933, um domingo, em ato político transcorrido na cidade de São Paulo, foi fundada a **Frente Única Antifascista** (FUA) para combater o movimento fascista brasileiro<sup>1</sup>.

Participaram da fundação a Liga Comunista, a seção paulista do Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Grêmio Universitário Socialista, a União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), a Legião Cívica 5 de Julho, a seção paulista do Partido Socialista Italiano, a Bandeira dos Dezoito, o Grupo Socialista “Giacomo Matteotti”, o Grupo “Italia Libera”, a revista *O Socialismo* e os jornais *O Homem Livre* e *A Rua*. Os anarcossindicalistas da Federação Operária de São Paulo (FOSP) e dos jornais *A Laterna* e *A Plebe* participaram do evento e apoiaram a luta antifascista, mas não apoiaram a criação da FUA, preferindo uma organização nos moldes anarquistas. No dia 2 de julho, no sexto número do jornal *O Homem Livre*, foram publicados o manifesto de fundação e um relatório sobre o evento.

O que eram estes grupos que fundaram a FUA?

A Liga Comunista congregava os comunistas que procuravam então reformar o PCB a partir da perspectiva crítica da “Oposição de Esquerda” internacional, liderada por Leon Trotsky. O PSB havia sido criado em novembro do ano anterior e a sua principal seção era a paulista, hegemônica pelo interventor federal em São Paulo, o General Waldomiro Lima. O Grêmio Universitário Socialista era uma organização de estudantes universitários ligada ao PSB paulista. A UTG era um dos mais combativos sindicatos ligados às esquerdas. Era então hegemônico pela Liga Comunista, que se valia da importância política desta categoria para potencializar a sua política sindical na capital paulista. A Legião Cívica 5 de Julho era uma organização tenentista surgida em 1931. O jornal *A Rua* era ligado à esquerda tenentista assim como o grupo Bandeira dos 18, cujo nome era certamente uma homenagem aos “18 do Forte”. A revista

\* Professor de História Contemporânea do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente <<http://tempopresente.historia.ufrj.br>> e Coeditor do blog marxismo21 <<http://www.marxismo21.org>>. E-mail: [dorneles05@gmail.com](mailto:dorneles05@gmail.com).

<sup>1</sup> Para maiores detalhes sobre a FUA ver CASTRO, Ricardo Figueiredo de. “A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934)”, *Topoi*. Rio de Janeiro, no 5, setembro de 2002, pp. 354-388 Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi05/topoi5a15.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a15.pdf)>.

*O Socialismo*, dirigida por Francesco Frola, era o periódico teórico do PSB paulista. E, finalmente, os grupos da colônia italiana: o Partido Socialista Italiano (PSI), representado pelos seus militantes que residiam em São Paulo e haviam fugido do fascismo; o Grupo Socialista Giacomo Matteotti e o Grupo Italia Libera, duas organizações formadas por italianos que já tinham uma militância antifascista que remontava aos anos 1920. Essas duas organizações, mais a seção brasileira do PSI, mostram a relação existente entre a FUA e o movimento antifascista que a precedeu na década anterior, mais restrito à comunidade imigrante italiana.

A lista de fundadores e dos apoiadores da FUA demonstra o amplo leque de força políticas que formava esta organização antifascista. O seu espectro político ia dos “trotskistas” da Liga Comunista à esquerda tennentista, passando pelos socialistas brasileiros e italianos; os anarquistas atuaram como observadores e não aceitaram a forma política escolhida, a frente única. O PCB não participou da fundação, mas, em alguns momentos, sobretudo em fins de 1933, o comitê regional paulista do PCB participou da frente.

A FUA era formada por um núcleo central composto pela Liga Comunista (“núcleo duro”) e pelo Partido Socialista Brasileiro de São Paulo, do qual participava o grupo de Francesco Frola.

A conjuntura da fundação da FUA caracteriza-se pela crise política e

econômica do liberalismo no Brasil e no mundo. Desde a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, o capitalismo atravessava uma crise que afetava não só as economias centrais (EUA e Europa), mas também as periféricas, como a do Brasil. Ademais, o *liberalismo* não conseguia mais resolver os problemas econômicos, sociais e políticos, abrindo espaço para a revolução social, mas também para a contrarrevolução.

No Brasil, o triênio 1932-1934 representa um importante momento de ampliação dos espaços de participação política das classes populares, especialmente da pequena-burguesia e da classe trabalhadora, com a criação de várias organizações da sociedade civil nas principais capitais brasileiras, de novos e efêmeros partidos como o já citado PSB, o Partido Socialista Proletário do Brasil e o Partido Trabalhista Brasileiro. Já o PCB passava por um profundo processo de crise política e organizacional desde o final da década anterior, com o surgimento da oposição “bolchevique-leninista” (a Liga Comunista) e a ascensão de um novo grupo dirigente, liderado por Miranda e Bangu. Além disso, o país passou por uma guerra civil (a Revolução Constitucionalista), por uma Assembleia Nacional Constituinte e ganhou a Constituição de 1934.

Entretanto, a ampliação da participação política das classes subalternas e os avanços democráticos estavam sendo ameaçados pelos liberais e pelo projeto político de Getúlio Vargas, que manipulou a Constituinte,

conseguiu ser por ela eleito Presidente Constitucional em 1934 e demonstrava insatisfação com a Constituição recém-promulgada. Finalmente, desde 7 de outubro de 1932 já existia uma organização fascista no Brasil, a Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada por Plínio Salgado e que atacava sistematicamente as organizações sindicais e as esquerdas.

Internacionalmente, a situação também era crítica. Em janeiro de 1933, Hitler e os nazistas foram convidados pelas elites locais para formar um novo governo. Além disso, as direitas tradicionais e os novos grupos e partidos de extrema-direita, entre os quais os fascistas, ampliam sua ação política nos diferentes países do Ocidente, atacando os espaços e as instituições democráticas então existentes.

As origens da FUA devem ser procuradas no início de 1933. Em janeiro, uma reunião da Comissão Executiva da LC decidiu-se pela formação de uma frente única antifascista que unisse a esquerda paulista. Nesta reunião, foi decidido que se contataria sindicatos e outras organizações antifascistas brasileiras e estrangeiras e seria agendado o lançamento público da proposta numa data que “despertasse a atenção dos antifascistas”<sup>2</sup>.

Assim, entre fevereiro e junho de 1933, a LC e o PSB paulista, que havia aderido à proposta, levaram à frente

os preparativos para a formação da frente<sup>3</sup>. Além disso, em janeiro, o Grupo A, ligado à LC e que militava na base do PSB paulista, recebeu a incumbência de levar essa proposta unitária ao Sindicato dos Empregados do Comércio de São Paulo, no qual seus integrantes militavam<sup>4</sup>.

Com a fundação da Frente Única Antifascista, a luta antifascista no Brasil passa a contar com duas perspectivas comunistas concorrentes: a do PCB e a da LC.

O PCB seguia a política do “terceiro período” do Comintern. Este considerava que o capitalismo estaria passando por uma crise estrutural que desencadearia uma iminente guerra imperialista, a qual deveria ser transformada pelos comunistas em uma guerra civil revolucionária. O Comintern considerava ainda que a social-democracia se equiparava ao fascismo na capacidade de iludir os operários em prol da manutenção da dominação burguesa, o “social-fascismo”. Assim, o PCB não se concentrava na ameaça fascista, mas sim em organizar o *Comitê Antiguerreiro*, que pensava a luta antifascista inserida na luta contra a guerra imperialista e contra todos os reacionários, como o governo Vargas e os “social-fascistas”, isto é, os socialistas. Com a ameaça crescente do fascismo em 1933 e 1934, o tema do fascismo foi incorporado ao nome.

<sup>2</sup> Cf. ABRAMO, Lívio. *Na contracorrente da história: documentos da Liga Comunista Internacionalista, 1930-1933*. São Paulo: Brasiliense, 1987. pp. 14-15.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 15

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 17

Em 1934, o nome amplia-se, pois, para *Comitê de Luta Contra a Guerra Imperialista, a Reação e o Fascismo*.

Os “oposicionistas de esquerda” da LC, articulados em torno da liderança política e teórica de Leon Trotsky, propunham a política de frente única de todas as organizações operárias como forma de fazer frente ao fascismo e lutar pelo estabelecimento das bases objetivas e subjetivas da revolução socialista. Colocavam-se, pois, terminantemente contra a teoria do “social-fascismo”, apesar de considerar a socialdemocracia conservadora, não revolucionária e “interessada principalmente em manter a estrutura democrático-parlamentar como a base estrutural para o seu socialismo”<sup>5</sup>. Ainda no início de 1934, Mário Pedrosa, um dos líderes da LC, publica pela Editora Unitas a obra *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*, com artigos de Trotsky, por ele escolhidos e traduzidos. Este livro que discutia a natureza contrarrevolucionária do fascismo tornou-se a grande referência política e teórica da FUA.

As principais ferramentas de ação política da FUA foram o jornal *O Homem Livre*, os comícios e os “contra-comícios”, ou seja, comícios antifascistas da FUA para o mesmo local e hora do evento fascista<sup>6</sup>. Pelo menos em duas ocasiões os antifascistas frustraram comícios fascistas. No mais importante deles, a “Batalha da Praça da Sé”, os antifascistas da FUA acabaram com a comemoração pública que a AIB pretendia realizar no dia 7 de outubro de 1934, no centro da capital paulista, em comemoração ao seu segundo aniversário de fundação.

Esse evento, também conhecido como “Revoada das Galinhas Verdes”, foi o último ato dessa frente antifascista, que ainda que tenha ficado restrita à capital paulista e tenha tido que concorrer com o Comitê Antiguerrero do PCB, foi uma importante experiência de unidade das esquerdas nos anos 1930 e contribuiu para dificultar, pelo menos em São Paulo, a intenção do movimento integralista de ganhar as ruas e fortalecer-se politicamente.

Recebido em 26 de fevereiro de 2016

Aprovado em 8 de março de 2016

<sup>5</sup> Cf. KNEI-PAZ, Baruch. *The Social and Political Thought of Leon Trotsky*. Oxford: Oxford University Press, 1979. p. 351.

<sup>6</sup> Para maiores detalhes sobre esse jornal ver CASTRO, Ricardo Figueiredo de. “O Homem Livre: um jornal a serviço da liberdade (1933-1934)”. In.: *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth* (UNICAMP), v. 22/23, pp. 63-74, 2007. Disponível em: <[http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes\\_ael/index.php/cadernos\\_ael/article/view/22](http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/22)>.

# Frente Única

*Manifesto de lançamento da Frente Única anti-fascista publicado originalmente no jornal "O Homem Livre", São Paulo, edição de 2 de Julho de 1933, Ano I, nº 6. Redator Chefe: Geraldo Ferraz, Diretor Gerente: José Perez*

A constituição da frente-única anti-fascista em São Paulo é um acontecimento auspicioso de uma significação que deve ser devidamente considerada. O fascismo como método de repressão e de demagogia já atravessou há muito as fronteiras do país que o viu nascer no meio de sangue, de mentira e de traição, para servir aos reacionários de todo o mundo como o recurso derradeiro para conter a ascensão das classes oprimidas, cuja força política nos países mais adiantados causa arrepios de medo aos que vêem seu poderio secular estremecer diante de uma crise que é a agonia de um regime econômico. Em Roma já apareceram jornais e revistas que se apresentam como órgãos do "fascismo universal". No Brasil mesmo, os "nacionalistas" intransigentes do ontem, que se enchiam de trejeitos histéricos diante das "ideologias exóticas", que não eram do "nosso meio e da nossa gente", não se pejam hoje de macaquear instituições reacionárias estrangeiras da maneira mais servil, não procurando mesmo, no seu encantamento suspeito pelo "Duce", nem salvar as aparências ao adotar as suas camisas e insígnias ou a saudação á romana.

Depois da vitória do fascismo germânico então toda a compostura foi perdida. Meia dúzia de interessados espertos, a serviço da plutocracia nacional, procura manobrar, e não sem algum êxito, com a ignorância das classes médias de nosso país, ignorância tanto mais lamentável quando a ela se junta a indecisão das atitudes políticas que lhe serve de característica em todo o mundo. Procuram dêsse modo as minorias exploradoras, usando de uma grande previdência, garantir as suas posições no caso de um "tournant" da política internacional ou mesmo no caso de uma agravação profunda da crise política do país. Vemos assim que o fascismo é hoje a bandeira da reação mundial, como era ontem as formas extremadas do "nacionalismo". Hoje somente a má fé de um pasquim mussolinesco que se publica nesta Capital pode aludir, procurando responder a "O Homem Livre", a "melindres nacionais ofendidos", a "fascismo, questão que só interessa italianos", etc. Esse pasquim sabe que os interesses de classe se sobrepõem a quaisquer outros. Não é a tã que êle, como os outros jornais fascistas italianos de São Paulo acolhem de maneira tão pressurosa os comunicados ridículos que os camisas cõr de azeitona distribuem.

Já nos ocupamos das possibilidades do advento de uma ditadura fascista no Brasil. Procuramos demonstrar que a inexistência no país de uma organização forte das classes trabalhadoras, em consequência do atraso do nosso desenvolvi-

mento econômico, dá às classes dominantes uma relativa tranqüilidade quanto á iminencia de uma revolução genuinamente popular. Dai considerarmos afastada a hipótese de uma ditadura fascista típica entre nós, pois o que caracteriza o fascismo é a ação que desenvolve contra as classes trabalhadoras. Por outro lado, fizemos ver que o que era possível entre nós era a implantação de uma ditadura do tipo comum usando do métodos fascistas de demagogia e de repressão. Praticamente a diferença das duas formas de predomínio da minoria a serviço do capital financeiro não é grande. A interdependência cada vez mais estreita dos interesses políticos das diferentes classes sociais em todo o mundo torna cada vez mais homogêneos os métodos de luta das mesmas classes. Nos países atrasados então fácil se torna a implantação de uma ditadura “preventiva” cuja missão será de impedir a organização independente da massa popular, mantê-la no obscurantismo religioso e combater a todo o transe as liberdades democráticas. No interior do Estado, e principalmente no interior de Minas Gerais, os “azeitonas” já vão alcançando os seus objetivos. Com o auxílio do clero, eles vão transformando os “filhos de Maria” em fêmulos inconcientes que amanhã irão massacrar o povo em defesa da mais sordida plutocracia. O combate ao fascismo é a tarefa mais urgente que cabe, “ não somente às classes trabalhadoras, mas a todos os que anseiam pela emancipação da humanidade e não desejam ver o mundo retrogradar para o benefício exclusivo de uma casta de exploradores ignóbeis.

Mais não é preciso dizer para evidenciar a importância e a significação profunda da constituição da frente-única antifascista em São Paulo. Nela já ingressaram organizações que vão desde a esquerda democrática até a extrema-esquerda marxista estando nesse número incluídas as agremiações sindicais. As bases amplas sobre que se constituiu a frente-única permitem que a luta seja travada sem atritos entre as diferentes organizações. As reuniões já realizadas mostram mesmo uma compreensão animadora da urgência da tarefa a ser cumprida. O exemplo da Alemanha, onde todas as tendências políticas que não commungam com os ideais do “manganello” e do óleo de ricino vão sendo sistematicamente eliminadas, está abrindo os olhos a toda a gente. E não menos eloquente é o “bluff” patente das realizações fascistas na Itália. Hoje, até mesmo os cretinos estão deixando de acreditar no “Estado integral” e nos milagres que seriam realizados pela corporações dos artesãos medievais...

Todas as organizações políticas e sindicais de São Paulo que não desejam a volta ao predomínio de castas privilegiadas e ao “direito divino”, devem lutar contra o fascismo dando a sua adesão á frente-única.